

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029964

Juarez: 'Reger é compromisso'

O ritmo intenso de trabalho, a formação de uma Orquestra integrada quase que apenas por músicos brasileiros e o sucesso obtido a partir de uma nova filosofia de ação — a OSMC é o único grande conjunto nacional que atua fora das capitais —, enquanto intimida a facção conservadora da área, revela intrinsicamente o surgimento de novos conceitos. E qual é a postura do maestro da geração emergente diante desta situação?

"A de um homem preocupado com o comprometimento da função social de sua atividade, consciente da importância da visão universal", responde Benito Juarez, acrescentando que o regente "deve ter, sempre, um quadro geral do mundo. Por exemplo: é indispensável posicionar todo o trabalho por vários ângulos, do econômico ao político. E depois disso, assumir o grande compromisso com a comunidade: dar a ela não apenas a arte, mas algo mais. É por isso que vamos, sempre, aos bairros e às praças. Repetir concertos num teatro é muito bom. Afinal, este é o habitat da Orquestra. Mas há milhões de pessoas fora das salas, e o regente está biologicamente ligado a elas, assim como à própria música". Um desdobramento deste raciocínio justifica, na opinião de Benito, a cobrança de ingressos durante toda a temporada, este ano: "É uma forma do indivíduo entender melhor a função superior da OSMC. Ouvir um concerto não é só lazer. É um trabalho, valioso como a leitura de um jornal. Dá mais abertura das pessoas, certo? Desperta sentimentos; li-

berta, enfim. Uma orquestra portanto, não pode ser apenas um adorno, um cartão de visitas. É na verdade uma coisa importante, tão prioritária quanto o saneamento básico ou o transporte. Faz parte da produtividade da cidade".

Na pequena sala que ocupa na sede da OSMC, um pavilhão do Centro de Convivência, Benito agita-se empolgado, e fala de seu medo maior, a constatação de que "o país pode se desenvolver sem isso, sem todo esse esquema de sensibilidade, pior

ainda: está se desenvolvendo dessa maneira. É o caso de se usar uma expressão típica da política partidária: está na hora de movimentar as bases populares, arregimentar o povo em torno dos valores reais". Para o regente a única solução é um movimento amplo, "abrangente de fato" para mostrar desde o começo, didaticamente, o que é uma orquestra, "ampliando aos poucos a abordagem".

ESCOLA

Para 1978, Benito Juarez já tem os planos da Sinfônica de Campinas "ao menos enunciados". O pessoal será aumentado para 106 elementos (são 96 no momento) antes do início das apresentações, em março. Nessa época, deverá estar funcionando a "Escola de Música da OSMC" profissionalizante, destinada a formar pessoal de alto nível. No decorrer da temporada, algumas inovações: a montagem de duas óperas. Uma das peças será obrigatoriamente de autoria de Carlos Go-

mes. Em meio as récitas oficiais serão inseridos programas dirigidos por regentes convidados. "Pelo menos três, um dos quais do primeiro time internacional", garante Juarez, e embora não aponte os convidados, alguns de seus assistentes mencionam Pierre Boulez (Filarmonia de Nova Iorque), Karl Bohm (Filarmonia de Viena), Wolfgang Sawallisch (Sinfônica de Viena), George Solti (Sinfônica de Chicago) e mesmo o imprevisível Seiji Osawa (Sinfônica de Boston/New Philharmonia Sc.). Haverá maior número de concertos todos os meses e, até as férias de inverno, a orquestra deverá transformar-se numa Fundação, mantida em grande parte pela municipalidade, "mas estruturada de forma segura e inédita no Brasil, o que, de qualquer forma, é apenas uma garantia a mais, considerando-se que a esta altura a OSMC já se consolidou de maneira irreversível. Cristalizou-se numa idéia que não é de ninguém mas pertence à cidade. Nada poderá abalar sua existência deste ponto em diante".

Dentro das rotinas normais do conjunto, serão inseridas as aulas de regência, ministradas por Benito na Unicamp, uma ampliação, anunciada na semana passada, do convênio de cooperação existente entre a Universidade Estadual e a Prefeitura de Campinas, desde 1973.

ORIGENS

Um dia de rotina na Orquestra Sinfônica — a qual por contrato todos os integrantes prestam dedicação exclusiva — começa sempre com exercícios de naipes pela manhã e "globais" à tarde. Na quarta-feira, primeira execução conjunta de "O Rei David", o pessoal formado na sala de ensaios, entra o maestro, abre a partitura, pede silêncio e quando inicia ("atenção...voilà") o que se ouve é um entusiasmo "Parabéns a você", em lugar da dorte abertura da peça de Honneger. Abraços, e beijos, cartões (um deles diz: "quixotismo? E quantas destas fantasias quixotescas temos visto se transformarem em realidade") presentes: a figura miúda de Benito Juarez desaparece entre os quase cem músicos que o cumprimentam. Há repórteres de uma revista acompanhando a cena e o regente, inibido, acaba adiando o trabalho por meia hora. Segundo seu irmão Gervásio, assessor administrativo do conjunto "é nestes momentos que surge um pouco do menino Benito, de Januária (Norte de Minas Gerais, à beira do S. Francisco, onde nasceram) que começou a tocar violino com o irmão Raimundo — spalla da OSMC — e acabou provocando a mudança da família para um centro maior, onde pudesse estudar". A pequena cidade, entretanto, era ativa, com uma série de bons aspectos culturais — do conjunto de cordas de Dona Zizi, formado por moças, a banda municipal de todos os domingos.

Um dia, Benito, ainda em idade pré-escolar, reuniu os amigos, embarcou o grupo numa canoa, e anunciou: "Nós vamos é para São Paulo" Antigos colaboradores acreditam que só agora, finalmente, ele tenha chegado — 34 anos depois.